

São Paulo, 05 de junho de 1986

CEDI - P. I. B.
DATA 10 12 1986
COD. AXD 00027

À Redação do  
Jornal do Brasil

Senhores,

Com referência ao artigo publicado pelo JB em 27.04.86, intitulado "**Assurini** recuperam seu amor pela vida e voltam a gerar filhos", gostaríamos de tecer algumas considerações:

A matéria inicia pela afirmação de que "Nem os técnicos da FUNAI tinham uma explicação definitiva para a opção de auto-destruição adotada, até bem pouco tempo, pelos **Assurini**, através da prática sistemática de aborto". Temos acompanhado os **Asurini** há dez anos quer do ponto de vista antropológico, acadêmico, quer como pessoas interessadas no seu destino, através de um trabalho que resulta em apoio material para sua subsistência e empenho pessoal em garantir-lhes um território justo e digno.

Pela experiência adquirida nesta última década, não compartilhamos com a afirmativa de "autodestruição" **Asurini**. Desde os anos 40, os **Asurini** vêm apresentando um decréscimo populacional por guerras com grupos indígenas inimigos, fome e embates com a população regional, e que se acentuou com o contato, principalmente devido a doenças. Através de seus relatos, sabemos que todas estas dificuldades foram sempre absorvidas e enfrentadas com acentuado apego a sua cultura tradicional, esperteza, inteligência, perseverança e coragem, que os levaram a aceitar a aproximação com o branco como a melhor opção para sua sobrevivência, visto que os Araweté, seus mais recentes inimigos, ameaçavam sua existência como grupo pela sua superioridade bélica. O contato com o branco, o mais poderoso de seus inimigos, foi tão somente a melhor alternativa naquele momento histórico.

Por ocasião desse contato (1971) ,eles eram cerca de 100 (cem), tendo, nas semanas subsequentes a esse evento, havido a morte por doença de, pelo menos, 30 (trinta) deles. (Cotrim Soares e Lukesch).

Este choque não foi suficiente para abalar a sua vontade de viver, pois havia 6 (seis) crianças de 0 a 9 anos por ocasião do contato e, em 1982 havia 7 (sete) crianças nesta mesma faixa etária (Muller, 1985). Fizeram grandes roças neste novo "habitat", plantando aquilo que era tradicional na sua cultura; logo foi reconhecida a qualidade incomum do seu artesanato (cerâmica, cestaria, trabalhos em madeira, tecelagem com fios de algodão, por eles conhecido e cultivado e que a matéria do JB, estranhamente, não relata); com sua "pajelança" assistiam a seus doentes e, com festas coletivas de elevada complexidade ritual e inegável beieza plástica, tornaram evidente o seu grande amor à vida e mais, buscando, apesar de todas as influências estrangeiras, afirmar-se como seres humanos, donos de vontade própria.

Através destas poucas palavras, que representam uma síntese incompleta da nossa visão da sociedade **Asuriní** , discordamos que eles sejam de índole pacífica (como afirmado na matéria em questão) pois eles lutaram, e muito, mas foram expulsos de suas terras pelos Kayapó, Parakanã e Araweté. Para sobreviver, tiveram que fugir.

A baixa natalidade do grupo chamou a atenção dos primeiros brancos que os conheceram (Soares Cotrim), bem antes do sr. Napoleão Vitorino Solimões Filho, que com eles conviveu nos últimos três anos. Não foi o sr. Napoleão, técnico indigenista da FUNAI, o autor da hipótese de auto-extermínio, como afirma a reportagem. Um dos signatários desta carta, a antropóloga Regina Müller, em 1976, também sugeriu esta possibilidade (Revista Veja, setembro/77), depois desconsiderada, pelo seu melhor conhecimento da sociedade **Asuriní**.

É certo que os **Asuriní** praticam o abortamento, mas não de maneira sistemática como afirma a reportagem. Se não, como explicar a presença de 6 (seis) crianças de 0 a 9 anos, na época do contato e 7 (sete) crianças da mesma faixa etária em 1982? A questão do abortamento foi uma das preocupações do Projeto de Recuperação dos **Asuriní** do

Koatinemo, em 1978-79, executado por nós, como profissionais contratados pela FUNAI.

A nossa interpretação para os frequentes abortamentos provocados entre as gestantes **Asuriní** baseia-se no conhecimento parcial das relações de parentesco, nos padrões culturais que regem a geração de filhos nesta sociedade e na grande incerteza quanto ao seu destino que começou a existir após o contato com o branco.

Responsabilizar os **Asuriní** por seu próprio extermínio é escamotear a verdadeira situação: o decréscimo populacional acentuado a partir do contato, reduziu drasticamente as possibilidades de se gerar filhos segundo seus padrões culturais. Alguns deles, como o casamento entre determinadas categorias de parentesco e o casamento geracional e poligâmico - mais de um marido, sendo um mais velho e outro mais novo que a mulher; a idade feminina ideal para engravidar - a juventude -; o sustento da família do recém nascido pelo grupo de parentes a que pertence, durante o longo período de resguardo dos pais; a atividade feminina voltada, além da subsistência, para arte e o ritual, são fatores culturais relacionados ao controle da natalidade entre os **Asuriní**. Obediência estrita às regras tradicionais num quadro demográfico negativo não significa auto-extermínio.

A prática de abortamentos é fruto da necessidade de preservação da cultura e da própria eugenia do grupo, pois, parentes próximos não devem gerar filhos (como nós, em nossa sociedade, afirmamos). Seria também, a nosso ver, uma imprudência gerar filhos, quando talvez o próprio grupo duvidasse de sua sobrevivência ao aproximar-se da FUNAI, por ocasião do contato.

A partir de nossa próxima ida à aldeia **Asuriní** em julho do corrente, teremos a oportunidade de melhor conhecer o trabalho da FUNAI na área, nos últimos 3 anos, em que lá permaneceu o sr. Napoleão Vitorino Solimões Filho.

Salientamos que não nos encontramos na condição de menosprezar o seu trabalho e, sim, de tomarmos uma posição contrária às suas idéias um tanto imaturas e descabidas sobre a questão do abortamento e da baixa natalidade entre os **Asuriní** do Xingu.

*Regina Müller*

---

Regina A. P. Müller  
Mestre em Antropologia pela UNICAMP

*Renato Delarole*

---

Renato Delarole  
Reporter Fotográfico

*Walter Labonia Filho*

---

Walter Labonia Filho  
Médico Infectologista pela USP

Referências:

Lukesch, A. - 1976 - Bearded indians of the tropical forest, Akademische Druck u. Verlagsanstalt, Graz, Austria.

Müller, R.A.P. - 1985 - **Asuriní** do Xingu IN Revista de Antropologia/USP, vol. 27/28, 1984/1985, São Paulo.

Soares, A. Cotrim - 1971 - Relatório de 20 de outubro de 1971 ao chefe da Base Kararaô, 34 p. xerox, inédito, Altamira.

Endereço para contato:

Av. Prof. Alfonso Bovero, 807 - Sumaré  
05019 - São Paulo - SP  
Telefone: (011) 62-0063

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil Class.: \_\_\_\_\_

Data: 27.04.86

Pg.: \_\_\_\_\_

# Assurini recuperam seu amor pela vida e voltam a gerar filhos

Antonio José

**Belém** — Nem os técnicos da Funai tinham uma explicação definitiva para a opção pela autodestruição adotada, até bem pouco tempo, pelos índios Assurini através da prática sistemática de abortos. Mas todos comemoram a interrupção do pacto que, segundo os cálculos dos indigenistas, foi firmado há uns 15 anos: seis crianças nasceram nos últimos quatro anos, garantindo, pelo menos em tese, a sobrevivência do grupo, hoje reduzido a 57 índios.

Os Assurini são do tronco lingüístico Tupi e viviam no litoral, dedicando-se à agricultura, caça e pesca, como qualquer tribo. A diferença é que eram arredios e donos de uma índole extremamente pacífica, que os tornava incapazes até de se defender dos ataques dos hostis Kaiapó, Parakana e, mais recentemente, dos Arawaté, todos expulsos do seu habitat tradicional pelas frentes de expansão da Amazônia.

### Aproximação

A necessidade de constantes deslocamentos da aldeia para evitar contatos com o homem branco e os indesejáveis confrontos com outras raças indígenas teriam levado os Assurini a optarem pelo auto-extermínio em vez de usar a violência contra os invasores. Aham os indigenistas que eles haviam perdido o prazer de viver depois de tantas perseguições, ora dos homens brancos, ora de outros índios. Assim, à medida que o tempo passava, seu número ia se reduzindo.

Instalados às margens do igarapé Ipiacava, afluente da margem direita do rio Xingu, município de Altamira, no Pará, lugar de difícil acesso, os Assurini acabaram obrigados a aceitar a aproximação com os técnicos da Funai para se protegerem de novas investidas dos inimigos. Em 1971, quando já havia iniciado o processo de autodestruição, foram contactados pela primeira vez e a ausência de nascimentos na aldeia despertou a curiosidade do chefe do Posto Pi Koinomo, Napoleão Vitorino Solimões Filho, autor da hipótese de que os índios preferiram se auto-exterminar a ter que viver em conflitos.

Napoleão logo conquistou a confiança da aldeia e, assim, passou a desenvolver um trabalho de convencimento entre as lideranças Assurini, para que o pacto de morte fosse suspenso. Suas técnicas são um segredo, mas parecem muito eficientes. Tanto que há perspectivas de que nos partos sejam realizados e a ameaçada raça se revigore outra vez.

O aborto era conseguido através da ingestão de bebidas preparadas com batatas, ervas e raízes ou, ainda, com massagens no ventre das mulheres, praticadas pelos maridos e o pajé da aldeia. Uma outra hipótese, muito pouco provável, que tenta explicar o gesto desesperado dos Assurini, é de que os abortos eram imposições do próprio pajé, que necessita sempre de muitas mulheres fora do estado de gravidez, para execução de rituais e pajelanças. Esta hipótese é desprovida de lógica, pois o natural seria o pajé estimular novos nascimentos na aldeia, para aumentar o número de mulheres aptas a participar, ao lado do pajé, das cerimônias religiosas.

### Cultura da cuia

Os assurini se destacam na agricultura, pela variedade dos cultivos e o tamanho das roças, e têm uma culinária elaborada em função do que é colhido. Também pescam, mas usam flexas, material não especializado. A pesca se restringe aos igarapés, onde abundam peixes como pacu (tapakah) e outros de escama, mas se abstém de peixes de couro, como a pirarara e o surubim.

Os assurini cultivam preferencialmente milho, batata-doce e macaxeira. As batatas, porém, são sua especialidade e delas conhecem pelo menos 20 variedades. Influem, também, em seus hábitos alimentares sua atividade como coletores de castanha-do-pará, amêndoas do babaçu e palmito. Além desses produtos, eles consomem mandioca crua ou em forma de beijus, farinha, mingau e o cauí, depois de transformado em polvilho.



Seis crianças nasceram nos últimos 4 anos

O artesanato dos assurini consta, basicamente, de cerâmica, produzida pela tribo para os usos mais variados, desde falheres a recipiente para água, com 10 a 30 centímetros de altura e de 15 a 60 centímetros de diâmetro.

A cerâmica utilizada em rituais é ricamente trabalhada em caprichosos desenhos envolvidos na pintura corporal, constituindo-se num dos pontos altos da criatividade assurini, e pode ser encontrada em cada casa numa profusão de tamanhos e formatos, cada qual com um nome específico, derivado da palavra com que designam o barro.

Um fato que chama a atenção é a ligação dos assurini com a cuia, da qual praticamente nunca se separam, utilizando-a como prato, colher, copo, vazilha, dependendo do tamanho e formato, redonda ou oblongo, sempre com pirogravuras decorativas características. Com a cuia eles se banham, apanham água no igarapezinho ou na cacimba para matar a sede ou levam a farinha ou a castanha quando partem para expedições de caça, pesca ou coleta. A cuia está ligada aos assurini em todos os momentos, em cada atividade e, até, em cada gesto.

Os assurini são amarelo-cobreados, têm traços mongolóides, ressaltados pelo corte do cabelo em forma de coroa a alguns centímetros acima da orelha, aberto ao meio e com as franjas frontais fixadas na testa com cera de abelha.

Os assurini costumam perfurar os lóbulos da orelha e o lábio inferior. Usam pintura corporal de urucum e jenipapo. As mulheres têm preferência por desenhos simétricos, com formato de gregas para o corpo e triangulares para as faces, para realçar o formato dos olhos.